
O curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco: 60 anos de pioneirismo, resistência e renovação – produção televisiva¹

Laura MARTINIANO²

Filipe FALCÃO³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A Universidade Católica de Pernambuco foi uma das pioneiras no ensino do Jornalismo no Nordeste, tendo criado o primeiro curso universitário específico para a área da região em 1961. Com base nesse pioneirismo, trabalho aqui apresentado tem como objetivo entender o papel da instituição dentro de um recorte voltado para o ensino do telejornalismo. Na pesquisa, buscou-se entender o contexto histórico da televisão e do jornalismo televisivo no Brasil e em Pernambuco. A pesquisa também resgatou para analisar as ementas das disciplinas voltadas de TV e audiovisual desde os primórdios do curso, destacando suas principais mudanças ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Telejornalismo, Universidade Católica de Pernambuco; Produção Televisiva; Pioneirismo.

Introdução

A maneira atual de transmitir notícias tem sido amplamente influenciada pelo telejornalismo desde o surgimento da televisão. A presente pesquisa foi elaborada como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e teve como objetivo resgatar, a partir de uma visão crítica, a história dos 60 anos do primeiro curso de Jornalismo da região Norte e Nordeste, na Universidade Católica de Pernambuco, contextualizando seu papel no ensino e na pesquisa por meio do recorte do conteúdo televisivo.

Buscou-se traçar uma análise de cunho histórico sobre as origens do telejornalismo no Brasil, identificando a evolução e o desenvolvimento da produção. A pesquisa partiu de uma leitura geral até uma análise mais específica. O trabalho também procurou compreender a evolução das disciplinas de telejornalismo da Unicap. O estudo foi dividido em dois anos e os resultados aqui descritos são fruto do primeiro ano de pesquisas. Neste primeiro ano, foram

1 Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2 Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, e-mail: lmarniano@gmail.com

3 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unicap, e-mail: filipe.falcao@unicap.br

analisadas as décadas de 1960, 1970 e 1980 para compreender o processo evolutivo das disciplinas de telejornalismo. Os anos 1990 até a atualidade foram melhor explorados no segundo ano de pesquisa.

Metodologia

A primeira parte da pesquisa baseou-se na pesquisa bibliográfica, com o levantamento de dados sobre as temáticas estudadas: o surgimento da televisão no Brasil e três dos principais jornais que foram transmitidos pelos canais abertos do país, o *Imagens do Dia*, o *Repórter Esso* e o *Jornal Nacional*. A análise dos tópicos se iniciou com uma revisão geral de literatura, bem como leitura de artigos científicos e matérias jornalísticas. Em seguida, títulos mais específicos foram delimitados para serem utilizados como material para o trabalho.

A pesquisa bibliografia é uma importante metodologia no âmbito da educação, a partir de conhecimentos já estudados, o pesquisador busca analisá-los para responder seu problema do objeto de estudar ou comprovar suas hipóteses, adquirindo novos conhecimentos sobre o assunto pesquisado. (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p.18)

Os materiais de leitura trabalhados envolvem publicações de autores como Fechine (2008), Vizeu (2010) e Rezende (2000). Demais livros, artigos científicos e matérias jornalísticas utilizados estão melhor detalhados ao longo do trabalho e nas referências bibliográficas. Esses arquivos preservam a memória e a história dos principais acontecimentos do telejornalismo brasileiro e se mostram uma fonte essencial de conhecimento sobre o assunto.

O jornalismo televisivo, entretanto, é diferente do impresso e do digital, pois tem uma necessidade muito maior da parte visual. Tendo em vista essa particularidade, o estudo dos telejornais e suas matérias foram igualmente essenciais para a presente pesquisa. Por meio deste material, foi possível compreender como foi estabelecida a comunicação entre interlocutores e telespectadores, além de observar a linguagem utilizada pelos repórteres e apresentadores, o tipo de imagem que era transmitida, a ordem dos assuntos noticiados e características do local de filmagem, por exemplo.

Para complementar os estudos, utilizou-se também a técnica da entrevista, com a professora Aline Grego, que leciona disciplinas de telejornalismo no curso

de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco desde 1986. A conversa ocorreu dentro do estúdio de televisão da instituição e foi registrada. O modelo de entrevista utilizado pela pesquisa foi o semi-aberto, contando com a elaboração de um roteiro específico de perguntas para a entrevistada, afim de manter o diálogo dentro do objeto de estudo e, ao mesmo tempo, permitir que a educadora discorra de forma mais profunda sobre sua experiência.

O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta o entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências, entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (Duarte; Barros, 2006, p. 66)

Aline Grego respondeu a perguntas envolvendo as ementas das disciplinas do curso direcionadas para televisão e audiovisual a partir da sua entrada como docente na Unicap, o desenvolvimento do interesse dos estudantes por telejornalismo ao longo do tempo e a estrutura do estúdio de TV da universidade. Ainda, o cenário do telejornalismo em Pernambuco também foi abordado.

Nesse contexto, a entrevista concedeu à pesquisa um olhar além da análise bibliográfica, reunindo informações mais específicas sobre o curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e os profissionais formados por ele, que ainda não foram retratadas em pesquisas anteriores, dentro da perspectiva da docência da instituição.

Para finalizar o estudo, foram realizadas pesquisas dentro do setor *Arquivo*, da Unicap, durante três dias, para o levantamento de informações sobre as ementas dos primeiros anos de curso, bem como sobre os estudantes, preservados em acervos exclusivos da universidade. Os documentos registraram dados fundamentais para esta pesquisa, não existentes em outros arquivos.

O telejornalismo no Brasil

A televisão foi inventada em 1900, pelo francês Constantin Perskyi, mas sua

consolidação e popularização demoraram alguns anos para acontecer. No caso do Brasil, a primeira emissora foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, por Assis Chateaubriand: a TV Tupi. (Mattos, 2002)

De certa forma, pode-se dizer que o Brasil foi o quinto país do mundo a ter um serviço diário de televisão aberta isso se desconsiderarmos a Alemanha, pioneira da televisão em 1935 que interrompeu suas transmissões após a Segunda Guerra Mundial e reativou o serviço em 1952, já com o país dividido entre Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, e a União Soviética cuja TV já funcionava em 1936, mas saiu do ar durante a guerra, sendo reativada duas vezes por semana, em 1954. finalmente passando a operar diariamente em 1951. (Xavier, 2000, p. 20)

Imagens do Dia, o primeiro telejornal do Brasil, estreou na TV Tupi apenas um dia após o início da televisão no país e era comandado por Ruy Rezende e Maurício Loureiro Gama. Após três anos, foi substituído pelo *Telenotícias Panair*, que, em 1952, deu lugar ao *Repórter Esso*.

Esse novo telejornal derivou de um programa de rádio de mesmo nome, criado no contexto da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de exaltar os aliados e pressionar Getúlio Vargas, presidente da época, a aderir ao lado rival do Eixo. Antes do *Esso*, os programas seguiam o modelo noticioso europeu e a maioria das notícias faladas eram simplesmente lidas de jornais. O *Esso* foi o primeiro radiojornal a produzir conteúdo próprio e por meio de agências de notícias. Suas edições tinham aproximadamente cinco minutos de duração e eram transmitidas quatro vezes ao dia, em horários fixos. Algumas edições de urgência aconteciam em horários fora do programado. Posteriormente, essa forma de noticiar passou a ser seguida por várias outras emissoras do Brasil e de outros países da América Latina. (Klöckner, 2011)

Os slogans *O primeiro a dar as últimas* e *Testemunha ocular da história* ficaram conhecidos em todo o Brasil e viraram marcas do *Repórter Esso*. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o telejornal se abriu para notícias de acontecimentos brasileiros. O programa foi do rádio para a televisão em 1º de abril de 1952 e permaneceu no ar até 31 de dezembro de 1970. (Klöckner, 2011)

O golpe militar de 1964 mudou a dinâmica do jornalismo. Ao longo da ditadura, o *Repórter Esso*, tanto da rádio quanto da televisão, foi finalizado. No caso

do radiojornal, o surgimento da TV e de emissoras concorrentes contribuíram, junto com a ditadura, para diminuir a audiência do programa. A última edição foi ao ar em 31 de dezembro de 1968. O telejornal durou até 31 de dezembro de 1970 e enfrentou problemas similares aos da rádio, já que a TV Tupi passava por uma grave crise na época, tanto que foi à falência em 18 de julho de 1980. (Vizeu; Porcello; Coutinho, 2010)

Em 1º de setembro de 1969 estreou o *Jornal Nacional*, que surgiu para tentar competir com o *Repórter Esso*. A emissora da rede Globo utilizou uma tecnologia da Embratel que possibilitava a integração das redes televisivas do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Curitiba e de Porto Alegre, criando uma rede televisiva uniforme no país.

Era 1º de setembro de 1969. Começava assim o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil. Nascia o programa que viria a ter a maior audiência da história da televisão brasileira. Eram 19h45. No estúdio e na redação, atenção total. No Brasil, tensão total. A manchete do dia informava que o presidente Costa e Silva recuperava-se de uma crise circulatória e que o governo estava entregue a uma junta militar formada pelos ministros Augusto Rademaker, da Marinha, Lira Tavares, do Exército, Márcio de Souza Melo, da Aeronáutica. (Jornal, 2004, p. 44)

Os apresentadores Hilton Gomes e Cid Moreira abriram o *Jornal Nacional* e sofreram com a censura já na estreia. O presidente da época, Costa e Silva, passava por um problema de saúde e o telejornal foi proibido de falar sobre a doença, precisando negociar com os militares.

O *Jornal Nacional* passou por outros momentos como este. Ao longo da ditadura militar, acontecimentos como a missa de sétimo dia de João Goulart, notícias sobre cassação de mandatos, denúncias de acordos militares entre Brasil e Estados Unidos e o discurso do papa Paulo VI também sofreram censura. Ainda em transmissão, é o telejornal mais importante da televisão aberta na atualidade. (Jornal, 2022)

Os três telejornais possuem ou possuíram identidades únicas e formas de noticiar que os distinguem uns dos outros, mas que influenciaram e inspiraram programas posteriores.

O *Imagens do Dia* estabeleceu uma linguagem que expressava uma espécie

de conversa entre os telespectadores e o apresentador, que ainda é usada nos dias de hoje. O telejornal apresentava imagens de acontecimentos importantes em uma câmera normalmente parada ou com alguns movimentos simples. A parte visual era muito importante e sempre aparecia, a narração era transmitida em *off* e era acompanhada por comentários. (Silva, 2020)

O *Repórter Esso* seguiu o modelo de imprensa norte-americano. O apresentador começava o jornal falando sobre o tempo e depois comentava sobre o trânsito. A maioria das notícias eram apresentadas em pequenas notas, muito breves e objetivas. A linguagem era simples, clara e muito rápida, passando de notícia em notícia de forma bastante dinâmica. As imagens eram narradas por meio da locução em *off*. Depois, o jornalista falava sobre o placar de jogos de futebol ocorridos nos últimos dias. Para finalizar, uma matéria mais longa era transmitida, com um repórter nas ruas gravando entrevistas. (Xavier, 2007)

Para se diferenciar do *Repórter Esso*, que deixava as informações mais impactantes e aguardadas para o fim, o *Jornal Nacional* iniciava justamente com esses ocorridos, trazendo primeiramente as factuais. No encerramento, notícias mais leves eram transmitidas. Em 2014, o telejornal se tornou mais coloquial, com uma linguagem próxima dos espectadores. Também foi dada uma maior mobilidade e dinamismo aos apresentadores, que passaram a andar mais pelo cenário. Atualmente, o programa tem uma duração de cerca de 45 minutos. (Jornal, 2022)

O telejornalismo na Universidade Católica de Pernambuco

A Universidade Católica de Pernambuco foi a primeira do Norte e do Nordeste do Brasil a ofertar a graduação em Jornalismo, criado pelo jornalista, educador, escritor e pesquisador Luiz Beltrão, considerado fundador das Ciências da Comunicação no país. Enquanto isso, as outras universidades e faculdades focavam em Comunicação Social. O seguinte tópico tem como base dados registrados nos arquivos da Universidade, que foram catalogados em livros dispostos do setor *Arquivo* da instituição, e a entrevista com Aline Grego, uma das docentes das disciplinas de televisão do curso.

Conforme conferido nos arquivos da Unicap, o curso foi aberto no 2º semestre do ano de 1961, com um total 33 alunos cursando a primeira série, como era

chamado o primeiro ano de estudos. Disciplinas focadas em televisão ainda não existiam. Os estudantes cursavam as seguintes cadeiras: *Técnica de Jornal, Ética, História e Legislação da Imprensa, Administração do Jornal, História antiga e medieval, Língua eliteratura luso-brasileira, Geografia humana e Cultura religiosa.*

O ano de 1964 trouxe a primeira grande mudança para o curso. A grade da terceira série passou a incluir a disciplina de *Rádio-jornalismo*, que, de acordo com a ementa deste período, também englobava uma pequena introdução sobre telejornalismo. Segundo o documento, era ensinado o conceito, a origem, o funcionamento e as técnicas da área, bem como as principais diferenças entre esse veículo e o rádio. Vale lembrar que neste período, anos 1960, o rádio tinha um enorme alcance, especialmente em comparação com a televisão.

Somente em 1967 o telejornalismo aparece, de fato, na grade curricular do curso, mas ainda junto à disciplina de rádio na terceira série. A cadeira *Técnica de rádio e telejornalismo* abordava rádio no primeiro semestre e televisão no segundo, quando os alunos estudavam a história, a linguagem e a escrita para o veículo. Ainda, era ensinado a escolher trilha sonora ideal para a matéria televisiva, a montar um cenário adequado, a construir um roteiro eficiente e a como se portar como apresentador de telejornal. A ementa também incluía vocabulário e informações técnicas como planos, movimentos e ferramentas de câmera.

O jornalismo televisivo aparece como uma única disciplina chamada *Telejornalismo* em 1969, no terceiro ano do curso. Durante os estudos, os alunos passavam por um aprendizado semelhante à cadeira de 1967, contudo, de maneira mais aprofundada. Além disso, eram realizadas algumas visitas à TV Universitária, uma emissora de televisão pública sediada no Recife desde 1968, fora dos horários de aula. Os passeios aconteciam entre pequenos grupos, que se dividiam para frequentar o estúdio. Esta disciplina surge mais de 10 anos depois da existência do *Repórter Esso*, que já estava consolidado como o principal programa de notícias da televisão. Assim, o curso de Jornalismo da Unicap percebeu a importância de trazer ensinamentos na área.

A partir do ano de 1971, a cadeira de *Telejornalismo* se divide em duas, *I e II*. A ementa continua semelhante à inicial, entretanto, atividades práticas já eram sinalizadas dentro da programação e aconteciam de forma obrigatória. Essas aulas eram concretizadas de maneira gradual, pois a turma era dividida em três grupos.

Pela limitação de equipamento e de espaço, cada uma das equipes frequentava o estúdio de forma rotativa.

Em 1972, época em que as disciplinas já eram divididas em semestres, os estudantes de jornalismo do 5º período começaram a participar das cadeiras *Telerádiodifusão I e II*, em que a primeira era focada em rádio e, a segunda, em televisão. A cadeira de *Telejornalismo* aparecia no 6º período, como foco em reportagens e aulas práticas.

Na virada dos anos 1970 para 1980, o telejornalismo continuava sendo o foco de duas disciplinas ofertadas pela Universidade. O estúdio foi pouco usado na época, visto que o meio televisivo de Pernambuco passava por muitas mudanças por causa da chegada das cores. Era difícil conseguir os equipamentos e a adaptação não era fácil. Esse fator pode explicar o pouco uso desse recurso, conforme indica a docente entrevistada para a pesquisa, Aline Grego.

Assim, as disciplinas contavam com poucas aulas práticas, sendo a maior parte delas focadas na produção de texto para o veículo televisivo. Questões relacionadas à gravação, edição e imagem eram pouco exploradas. A primeira das cadeiras de TV tinha o propósito de ensinar a teoria da área, como a história da televisão e suas concepções. A segunda possuía um viés mais jornalístico, e os alunos aprendiam, por exemplo, a elaborar roteiros e notas. Ao longo desta segunda disciplina, eram realizadas algumas poucas entrevistas em estúdio. Não era possível sair de lá com equipamentos, pois estes não eram móveis.

A estrutura do estúdio se diferenciava bastante da atual. Não havia *chroma key*, a iluminação era muito simples, o teto era alto, o que dificultava a acústica; e haviam apenas duas câmeras em funcionamento. O local se encontra no mesmo lugar em que está disposto hoje, mas com algumas alterações, como a substituição das salas de corte por ilhas de edição. Era incomum que os alunos apresentassem um grande interesse em televisão no início do curso, já que a área não era tão explorada como é hoje. Outra questão que afastava as pessoas desse veículo era o sucateamento da TV Universitária em Pernambuco na época, que tinha pouca verba e investimento. A maioria dos estudantes entrava no curso de Jornalismo com o objetivo de trabalhar com impresso e alguns gostavam bastante de rádio.

No final dos anos 80, o estúdio de televisão já era mais sofisticado, contando com equipamentos portáteis que permitiam que os estudantes fizessem reportagens

externas. Nesse período, as cadeiras de TV aconteciam no último ano do curso, por dois semestres. A televisão foi ampliada, as redações da área passaram a empregar mais, surgiram equipamentos mais amadores e, conseqüentemente, mais pessoas passaram a se interessar por ela, entrando em Jornalismo especificamente para trabalhar com o veículo. O período do final dos anos 1980 trouxe uma reforma nos currículos da universidade e cadeiras de televisão passaram a ocupar quatro semestres. O audiovisual estava crescendo e muitas pessoas buscavam se profissionalizar e focar em produções na área.

Dentro do curso de Jornalismo da Unicap, *Televisão 1* e *2* eram cadeiras focadas em história da TV, trajetória do telejornalismo, produção de textos para o veículo e reflexões críticas acerca do que era criado para a televisão. A terceira disciplina tinha como ênfase o dia a dia do repórter nas ruas, onde os estudantes aprendiam a de fato produzir para o veículo. Na quarta, os alunos aprendiam edição.

Após um tempo, as disciplinas de televisão voltaram a configurar apenas dois semestres, já que as áreas de fotografia e planejamento visual foram ampliadas. Atualmente, com o impacto da internet, que apareceu na metade dos anos 90, há também cadeiras de audiovisual e videojornalismo.

Como esta pesquisa foi baseada em um PIBIC dividido em dois anos, encerramos aqui os conteúdos estudados ao longo do primeiro ano. A segunda parte do trabalho será realizada por uma nova equipe.

Conclusão

Durante a presente pesquisa, foi possível compreender o contexto da criação do primeiro curso de Jornalismo do Nordeste, bem como analisar o surgimento das disciplinas relacionadas à televisão, entendendo como elas se ligam ao cenário jornalístico de Pernambuco na época.

De início, o telejornalismo aparece dividindo a grade com o radiojornalismo, mas amplia seu espaço à medida em que o mercado televisivo se desenvolve no estado, com o aparecimento de mais empregos, mais técnicas e mais interesse. Com as demandas da profissionalização e do crescimento da área, a televisão passa a ocupar uma disciplina completa e, logo depois, duas delas, chegando a fazer parte do currículo de quatro períodos, já que, nos anos 1980, o campo já estava estabelecido

em Pernambuco.

A coleta dos dados permite identificar o pioneirismo da Universidade Católica de Pernambuco dentro dos estudos jornalísticos. A instituição demonstra o olhar antenado às inovações da área, moldando o curso às necessidades do mercado, mas sem perder o seu viés educador voltado também para sociedade. A graduação em Jornalismo muda de acordo com as alterações dos conceitos, das estruturas e dos posicionamentos sociais, que precisam ser acompanhados pelos profissionais formados.

Espera-se que essa pesquisa contribua com o meio acadêmico, especialmente com pesquisadores que desejem realizar análises futuras sobre o cenário das escolas de jornalismo e de comunicação do Norte e do Nordeste do Brasil, tendo em vista a disposição de informações relevantes acerca do primeiro curso de Jornalismo da região, servindo como um documento para conhecer o contexto histórico dos estudos jornalísticos e suas principais inovações ao longo do tempo.

Este estudo também pode colaborar com pesquisas que analisem o panorama histórico das produções jornalísticas pernambucanas e nordestinas, especialmente voltadas para o meio televisivo e audiovisual, já que registra dados sobre a educação dos primeiros profissionais de jornalismo formados da região e traz informações sobre a prática do telejornalismo em Pernambuco, partindo de uma perspectiva ampla, que envolve a história das produções para o veículo em todo o país, até uma mais específica.

REFERÊNCIAS

43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2020, Salvador. **70 anos de Telejornalismo no Brasil: A inauguração da TV Tupi e o Legado do Telejornal Imagem do Dia.** São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0831-2.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CARVALHO, Maria Paula Schmidt. **Caravanas da identidade:** um estudo de recepção sobre as representações feitas pela Caravana JN por dentro da maior reportagem do Brasil e perto dos brasileiros. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

COM 5 minutos de duração e normas rígidas, o Repórter Esso revolucionou o radiojornalismo nacional. **Nova Brasil FM**, São Paulo, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/brasilidade/81-anos-de-reporter-esso/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

GREGO, Aline. As disciplinas de telejornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. [Entrevista cedida a] Filipe Falcão. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, jan. 2023.

IMAGENS do Dia. **Museu Brasileiro de Rádio e Televisão**, São Paulo, 24 jan. 2004. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/programas/imagens-do-dia/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

JORNAL Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

JORNAL Nacional: História. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 11 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

JORNAL Nacional: JN e a censura. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 11 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/jn-e-a-censura.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

JORNAL Nacional: Os bastidores da notícia. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 11 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/os-bastidores-da-noticia.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. 2. ed. Porto Alegre: Age, 2011.

LUPORINI, Marcos Patrizzi. **O uso de música no telejornalismo: análise dos quatro telejornais transmitidos em rede pela TV Globo**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAULA, Érica de. Curso de Jornalismo da Unicap: 50 anos construindo histórias. **Universidade Católica de Pernambuco**, 6 set. 2011. Disponível em: <https://www1.unicap.br/assecom1/curso-de-jornalismo-da-unicap-50-anos-construindo-historias/>. Acesso em: 17 jul. 2024

REZENDE, Guilherme Jorge De. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil editorial. 1. ed. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica**: princípios e fundamentos. 2021. Artigo (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; COUTINHO, Iluska (Org). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

XAVIER, Ricardo de Goes. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2007.